

DOSTOIÉVSKI, NIILISMO E ESQUECIMENTO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DISCURSIVA DE *MEMÓRIAS DO SUBSOLO*

José Mágnio de Sousa Vieira¹

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende, à luz da Análise do discurso, explicar como a formação discursiva marcadamente niilista é construída em *Memórias do subsolo*, de Dostoiévski. Para tanto, parte-se da noção de esquecimento presente em Orlandi (2003; 2006) enquanto eixo norteador da presente proposta bem como da definição de acontecimento presente em Pêcheux (2002). Contextualiza-se o niilismo enquanto movimento filosófico e literário emergido após a libertação dos servos russos por volta de 1860. O niilismo é entendido enquanto acontecimento com fortes repercussões no âmbito literário, especificamente na literatura de Dostoiévski materializada discursivamente no arquivo *Memórias do subsolo*, do qual os dados da análise proposta foram extraídos. O arquivo gera um paradoxo, pois não apresenta nenhum fragmento com a presença da nomenclatura niilismo, isso significa que em termos estruturais não há marcas niilistas explícitas, mas, isto sim, características discursivas tipicamente niilistas. Para a constituição dos dados de análise foram selecionados cinco fragmentos que comprovam a presença das características niilistas expressas materialmente no nível discursivo. Os fragmentos selecionados foram descritos e interpretados no intuito de evidenciar os efeitos de sentido provocados na explicação da ideologia niilista no discurso em apreço.

DISCUSSÃO TEÓRICA E ANÁLISE DOS DADOS

O niilismo está relacionado à realidade e à sua crise. As primeiras ocorrências do termo se deram na Revolução francesa designando correntes que não eram a

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras PPGEL-UFPI com Projeto de Pesquisa na Linha de Análise do Discurso Literário.

favor nem contra a revolução. Conforme Volpi (2012). Na Rússia o niilismo é filosófico, literário, social e político. O movimento revolucionário contra a ordem estabelecida, o atraso, o imobilismo da sociedade e seus valores naquele país recebe o nome de Niilismo. O termo niilista após a libertação dos servos começou a ser associado à condenação e à infâmia. O niilismo ético-metafísico de Dostoiévski representa um momento fundamental na história das ideias contemporâneas. Influenciou enormemente a cultura literária e filosófica da época. Pecoraro (2007) define as obras de Dostoiévski como um afresco niilista e ético-metafísico cujo significado não pode ser comparável a nenhum outro. Nesse afresco, o sofrimento, o desespero e a morte andam lado a lado com a salvação e a solidariedade. Segundo Pecoraro, Dostoiévski evoca uma renovação que só é plenamente realizável quando o bem e o mal morrem da alma humana que os abriga. Volpi (2012) identifica nos livros de Dostoiévski, fenômenos como a dissolução de valores enquanto crise corrosiva da alma russa. Para Volpi, ao mesmo tempo em que a escrita de Dostoiévski exhibe o mal e suas consequências como o crime e a perversão sem ter como premissa instruir para tais condutas seu sucesso literário, favorece a difusão do niilismo no sentido de corromper normas estabelecidas.

Orlandi (2006), ancorando-se em Pêcheux, apresenta duas formas de esquecimento no discurso. O primeiro, esquecimento número 1, esquecimento ideológico, inconsciente que provoca nos sujeitos a ilusão de ser a origem de seu dizer, quando na verdade apenas retornam a sentidos preexistentes. Os discursos se realizam nos sujeitos, mas o modo como os sujeitos se inserem na história e na língua é que provoca os sentidos a significarem algo. Para essa autora o esquecimento número 2, enunciativo, provoca a emersão implícita do outro discurso. É da ordem da formulação. Orlandi afirma que o sujeito esquece que há outros sentidos possíveis. E que ele não é da ordem do inconsciente, pois produz a impressão da realidade do pensamento, como se houvesse uma relação literal entre o dito, o pensado e o real de referência.

De acordo com Orlandi (2003) as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Para essa autora a noção de formação discursiva auxilia na compreensão da produção de sentido e dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso. A

formação discursiva se define a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada; formação ideológica determina o que pode e deve ser dito. Para a autora citada, o discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí, podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas representam, no discurso, as formações ideológicas. Tudo que dizemos tem um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos.

Acrescenta-se ao exposto a noção de acontecimento apresentada por Pêcheux (2002), adaptando-a aos propósitos da análise proposta. Este autor considera que o discurso pode ser apreendido enquanto acontecimento que deve ser trabalhado contextualmente, atualizando-se no espaço da memória que ele evoca e conseqüentemente reorganiza. O confronto discursivo, na visão do autor prossegue através do acontecimento. O acontecimento é materializado discursivamente e é esta materialidade que dá ao analista a possibilidade de encontrar na opacidade do acontecimento as marcas discursivas que aludem ao fenômeno discursivo investigado.

Após as explanações teóricas que embasam este trabalho pode-se enfim, testar a aplicação prática a partir da seleção de cinco fragmentos da obra *Memórias do subsolo*, de Dostoiévski. Esse livro apresenta muitas características do discurso niilista, entretanto, nele não há nenhuma passagem que explicita esta corrente de pensamento que deixou marcas profundas na sociedade, especialmente na que primeiramente recepcionou esta obra do escritor russo. As categorias discursivas analisadas a seguir: esquecimento, formação discursiva e a ideia de acontecimento desenvolvida por Pêcheux, inter-relacionada com o niilismo são eixos norteadores desta pesquisa. Os cinco fragmentos a serem analisados marcam um acontecimento: o encontro do homem do subsolo com um inimigo que acredita ter, um oficial.

O acontecimento que se materializa discursivamente nas citações a seguir, é gerado pela personagem inominada protagonista da obra que oferta tais arquivos

analisados. O sujeito a emanar a ideologia niilista apresenta diversas características, como as citadas alhures, de sofrimento, desespero e morte, que andam juntos com as ideias de salvação e redenção, apresentando-se polarizados.

[...] Logo de início, um oficial teve um atrito comigo. Eu estava em pé junto à mesa de bilhar, estorvava a passagem por inadvertência, e ele precisou passar; tomou-me então pelos ombros e, silenciosamente, sem qualquer aviso prévio ou explicação, tirou-me do lugar em que estava, colocou-me em outro e passou por ali, como se nem sequer me notasse[...]
(DOSTOIÉVSKI, 2009, p.62)

Na passagem acima, ocorre o primeiro encontro entre o homem do subsolo e seu inimigo. O imobilismo característico do niilismo, é representado pelo homem do subsolo que para ser notado pelo outro, entra em seu caminho. Eis o acontecimento com repercussões. O acontecimento histórico é o encontro entre dois sujeitos, este encontro é discursivamente descrito. O homem do subsolo é o autor das memórias, portanto, rememora fatos ocorridos em que ele estava envolvido. É como se o fato por ele narrado fosse uma perversão sofrida. O que ele enuncia em seu discurso é um ponto de vista, por ele atualizado, cujo tecido discursivo é desenvolvido com ele no papel de vítima, entretanto, o discurso outro não fica completamente apagado, pois, o esquecimento número 2, enunciativo, emerge em alguns pontos discursivamente marcados. Não foi o oficial quem teve atrito, o discurso do homem do subsolo carrega uma sensação ilusória, a de que ele é vítima, quando na verdade, do lado do outro sujeito, que não tem vez em contar sua parte, seu ponto de vista, é apagado pelo sujeito com vez e voz. O fato de não revidar a provocação emerge discursivamente como uma afronta. O sujeito narrador das memórias, parece esquecer-se dos outros discursos possíveis, como por exemplo, do que emerge a partir do narrado e que tende a entender que não houve atrito, nem pode-se dizer que ocorreu indiferença. Enquanto que a interpretação que o homem do subsolo fez do acontecimento foi negativa, não há em sua descrição dos fatos elementos que indiquem a existência do atrito.

[...] Até pancadas eu teria suportado, mas de modo nenhum poderia perdoar que ele me mudasse de lugar e, positivamente, não me notasse... Oh, se aquele policial fosse dos que concordam em lutar em duelo! Mas não, era exatamente dos tais cavalheiros (ai, há muito desaparecidos!) que preferiam agir com tacos de bilhar ou, a exemplo do tenente Pirogóf, de Gógol, com o apoio das autoridades[...]
(DOSTOIÉVSKI, 2009, p.63)

A imagem que o homem do subsolo cria do cavalheiro, por sua atitude, não é positiva. Ele o compara aos bárbaros, não vê barbárie em duelos, mas vê em brigas com tacos de bilhar. Enxerga covardia no outro. Ele não aceita ser tratado com educação, a educação é vista como o fato de não ser notado, de ter sua existência ignorada. Observa-se neste fragmento uma característica do niilismo, a dissolução de valores, cujas consequências repercutem no comportamento do homem do subsolo.

[...] De chofre, a três passos do meu inimigo, inesperadamente me decidi, fanzi o sombrolho e... chocamo-nos com força, ombro contra ombro! Não cedi um Vierchók e passei por ele, absolutamente de igual para igual! Ele não se voltou sequer e fingiu não ter visto nada; mas apenas fingiu, estou certo. Guardo esta convicção até hoje! [...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 69)

Interessante notar o modo como o sujeito apresenta a ideia de certeza. Ela é manifesta como incerta, não perene, assim como o niilismo vê a realidade, tal como é, nada é perene. Quando diz “estou certo”, na verdade, seu dizer é resultado de uma autocorreção do dito. Ele tenta frisar que o outro fingiu não ter visto o ocorrido; ele retifica seu discurso, antes tido como certo; depois, como provável. Parece que o que ele acredita ser o que referencia, é na verdade fruto de sua imaginação e o inimigo criado, fosse de fato alguém que não sabe nada do que se passa. Percebe-se no nível discursivo materializado uma espécie de disputa interpretativa. Os sentidos que o homem do subsolo tenta impingir não são os que afetam quem lê. Por mais que o homem do subsolo levante material discursivo para se embasar, não faz mais que trazer o discurso outro, contrário a suas interpretações sobre o que discute.

[...] Está claro que sofreu golpe mais violento; ele era mais forte. Mas não era isto que importava. O que importava era que eu atingira o objetivo, mantivera a dignidade, não cedera nem um passo, e, publicamente, me colocava ao nível dele, do ponto de vista social[...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.69-70)

No fragmento anterior o homem do subsolo afirmara que o encontro ‘ombro a ombro’ havia sido de igual para igual. Nesse, disse que ‘sofreu o golpe mais violento’. Percebe-se com isso a contradição. E ele tenta remediar seu ato falho. Para compensar sua ‘perda’, afirma que se colocou no mesmo nível do inimigo do

ponto de vista social. Neste ponto, percebe-se novamente o esquecimento número 2. A enunciação do homem do subsolo aflora outro discurso, que poderia ter passado despercebido ao leitor. Ele demonstra sentimento de despeito e inferioridade para com seu inimigo e publicamente pode vir a ser considerado um igual. A opacidade da língua reflete-se no nível discursivo, porém eleva a este nível elementos que, embora não sejam explicitamente marcados, dentro do contexto em que são produzidos, atribuem ao discurso características niilistas, isto é, o fato de que o discurso não é transparente, não é pressuposto suficiente para que os sujeitos que o recebem não possam ver o que se esconde em termos de efeito de sentido sobre a camada opaca que todo discurso possui.

[...] Voltei para casa vingado de tudo. Meu estado era de arrebatamento. Triunfara, e ia cantando árias italianas. O oficial foi depois transferido não sei para onde, já faz uns quatorze anos que não o vejo. Por onde andarás agora meu caro amigo? Em quem estarás pisando?[...] (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.70)

Nesse trecho, fica bastante visível, o caráter unilateral da rixa do homem do subsolo. Ele afirma ter voltado para casa vingado. Trata seu inimigo como amigo. E se pergunta sobre seu paradeiro. O homem do subsolo, nunca se esqueceu do oficial que o tratou com indiferença. Este por outro lado, em todo o percurso discursivo da narrativa aqui recortada, em momento algum parece ter tido motivos suficientes para remoer qualquer fato deste acontecimento histórico para o homem do subsolo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A categoria esquecimento¹, pertencente ao nível ideológico, foi analisada partindo-se das características niilistas que o arquivo ofertou. O sujeito evidenciou a ilusão de ser a origem do que diz pelo fato de não atribuir a outrem nenhuma forma de referência aos discursos que propaga, sendo assim, acredita construir seu discurso de modo independente atraindo para si a ilusão de ser a origem do que diz (ORLANDI, 2003). O acontecimento analisado é sobremaneira opaco e, entendido enquanto niilismo inscrito na obra, evidenciado nos dados do arquivo. O discurso sob investigação analítico-discursiva é tido como o emanar do niilismo na

materialidade discursiva em apressado. O acontecimento mostra-se opaco porque não é óbvio nem transparente. Ele está no fato de que o sujeito manifesta-se enquanto niilista sem dizer que é, enquanto que o niilismo não é apresentado explicitamente, bem como na própria manifestação niilista presente em um discurso tipicamente literário. Entretanto, as características niilistas transbordam do discurso, interpelam o sujeito emergindo através dele.

Pode-se concluir pela análise discursiva do niilismo presente no arquivo de *Memórias do subsolo* que o acontecimento histórico abrigado/retratado/registo na literatura de Dostoiévski apresenta fortes marcas da formação discursiva niilista propagadas nos fragmentos discursivos que subsidiaram a constituição do arquivo analisado. A descrição das passagens selecionadas mostrou que o niilismo, abrigado no acontecimento histórico gerador da formação discursiva representante da ideologia niilista que caracterizou o período em que a obra em apreço foi publicada, desemboca em sua interpretação niilista comprovada pelas características do sujeito interpelado pelo movimento niilista, agenciador ilusório do seu dizer. A materialidade discursiva manifestada nos dados que compõem o arquivo reflete a defesa da ideologia niilista de modo empírico, isto é, sem necessidade de nomenclaturas metalinguísticas. Fato que contribui para a nulidade terminológica do niilismo, bem como para sua manifestação ideológica, apenas através de características, o que gera esquecimento 2, tido como enunciativo.

REFERÊNCIAS

- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do subsolo*. São Paulo: Editora 34, 2009.
- ORLANDI, Eni Puccineli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2003. p. 34-45.
- ORLANDI, Eni Puccineli. *Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade*. Campinas, SP: Pontes, 2006. p. 21-22.
- PÊCHEUX, Michel. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, SP: Pontes, 2002. p. 18-57.
- PECORARO, Rossano. *Niilismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- VOLPI, Franco. *O niilismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.